Globethics Repository



Da crise civilizatória à utopia tropical, caminhos de retorno à complexidade da vida [The civilizational crisis to tropical utopia, return paths to complexity of life]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Machado, Ricardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-16 20:04:39
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/157974

ENTREVISTA

Da crise civilizatória à utopia tropical, caminhos de retorno à complexidade da vida

Eduardo Gianetti da Fonseca aborda os dilemas da atual crise civilizacional em seu livro lançado recentemente, *Trópicos Utópicos*, propondo uma vida menos submetida ao império dos valores econômicos

Por Ricardo Machado

As três grandes promessas de libertação da modernidade – a elucidação da condição humana por meio da ciência, a possibilidade de controle da natureza e a conquista da felicidade por meio do crescimento econômico – se tornaram, enfim, uma grande frustração. A crise civilizatória em que vivemos é uma espécie de síntese desses três fatores, em que nem mesmo os mais ricos do planeta sentem-se realizados. "Vou dar um exemplo simples do país mais rico do planeta: nos Estados Unidos, um norte-americano com renda mediana, ou seja, aquele cidadão que está na metade da distribuição de renda, pertence aos 5% mais ricos do planeta. No entanto, ele sente que lhe faltam mais coisas que a maior parte dos 95% restantes", pondera o professor e pesquisador Eduardo Giannetti da Fonseca, em entrevista por telefone à **IHU On-Line**.

Ao fazer uma crítica ao modelo hegemônico de civilização, Gianetti é enfático. "O que me parece condenável no mundo que nós estamos é uma supervalorização da dimensão econômica da vida e uma exacerbação do elemento competitivo, em detrimento dos elementos cooperativo e contemplativo. A humanidade nunca teve tanta tecnologia, tanta produtividade e provavelmente nunca foi tão obcecada, como é hoje, com o sucesso econômico, o que me parece uma coisa no mínimo questionável, para não dizer estranha", critica.

Eduardo Gianetti da Fonseca lançou recentemente o livro *Trópicos Utópicos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2016), em que ele aborda, justamente, a crise civilizacional que vivemos e tenta responder à questão: "Existe uma utopia capaz de mobilizar a alma e a energia dos brasileiros? O livro propõe essa pergunta e responde afirmativamente. A nossa utopia consiste na construção de uma forma de vida menos submetida ao império dos valores econômicos e mensuráveis", prospecta.

Eduardo Gianetti da Fonseca possui graduação em Ciências Econômicas e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e doutorado em Economia pela University of Cambridge. É autor, além de *Trópicos Utópicos*, de outros nove livros, dos quais destacamos *Vícios privados, benefícios públicos?* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993), vencedor do Prêmio Jabuti 1994, categoria Estudos Literários – Ensaio; e *O Valor do Amanhã* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005), laureado com o segundo lugar no Prêmio Jabuti 2006, categoria Economia, Administração, Negócios e Direito.

Confira a entrevista.

> *Um norte-americano com renda mediana pertence aos 5% mais ricos do planeta. No entanto, sente que lhe faltam mais coisas que a maior parte dos 95% restantes*

IHU On-Line – Como o livro *Trópicos Utópicos* aborda a crise civilizatória que vivemos?

Eduardo Giannetti da Fonseca – Ele a aborda em três etapas. A primeira é uma crítica à ciência moderna, no que ela alimentou uma falsa expectativa em sua origem, de que permitiria uma elucidação da condição humana do sentido da vida. A segunda é uma crítica à tecnologia, que prometia um controle crescente da natureza por parte do ser humano e que agora nos ameaça com um total descontrole das bases naturais da vida, como por exemplo a mudança climática. A terceira crítica é em relação à expectativa de que o crescimento econômico, da renda e do consumo trariam, ao ser humano, felicidade e vidas mais livres e dignas de serem vividas. São três grandes desapontamentos em relação às promessas que acompanharam a modernidade. Contudo, com o prelúdio do que seria uma utopia brasileira, faz-se uma crítica à civilização ocidental moderna desde uma perspectiva brasileira.

IHU On-Line – Por que o crescimento econômico, um dos três vetores da crise civilizatória, não significou aumento da realização humana?

Eduardo Giannetti da Fonseca – Primeiro, as evidências empíricas sobre bem-estar subjetivo são unânimes ao apontar para o fato de que, a partir de um certo nível de renda, não há correlação forte entre aumento de renda e bem-estar subjetivo, da felicidade. As razões por que isso acontece são muitas. A hipótese que eu desenvolvo no livro é a da renda relativa. A partir de um certo momento na trajetória de crescimento econômico, as pessoas que já satisfizeram suas necessidades básicas passam a ficar muito mais preocupadas com sua posição relativa que com aquilo que estão consumindo e usufruindo.

Isso deflagra uma corrida armamentista do consumo, porque, à medida que as pessoas se comparam com seu grupo de referência, elas percebem que ficaram para trás. Então elas precisam alcançar os que estão na "frente" e isso vai renovando e recriando perpetuamente uma situação de escassez. Vou dar um exemplo simples do país mais rico do planeta: nos Estados Unidos, um norte-americano com renda mediana, ou seja, aquele cidadão que está na metade da distribuição de renda (a metade da população dos Estados Unidos está abaixo dele, a outra metade acima, do ponto de vista de renda monetária), pertence aos 5% mais ricos do planeta. No entanto, ele sente que lhe faltam mais coisas que a maior parte dos 95% restantes. Ele é considerado na sociedade norte-americana um perdedor, embora ele esteja entre os 5% mais ricos do planeta na métrica da renda per capita. Trata-se de uma corrida que não tem fim e que gera, para a grande maioria, uma situação inescapável de derrota. Será que é isso que o mundo inteiro almeja?

IHU On-Line – Podemos pensar a financeirização, como o processo que tenta reduzir todas as dimensões da vida à lógica financeira, como um dos motores que mantêm a crise civilizacional em movimento? Não haveria nisso um "desejo" de quantificar o inquantificável?

Eduardo Giannetti da Fonseca – Eu reformularia esta questão em outros termos, mas, provavelmente, apontando na mesma direção. O que me parece condenável no mundo que nós estamos é uma supervalorização da dimensão econômica da vida e uma exacerbação do elemento competitivo, em detrimento dos elementos cooperativo e contemplativo. Essa exacerbação da dimensão econômica e do elemento competitivo está calcada naquilo que se pode medir, no quantificável. A dimensão contemplativa não é passível da mesma lógica de ranqueamento, de quantificação.

Concordo com a tese de que a maioria dos seres humanos do século XXI gostaria de viver em um mundo que não fosse tão escravizado pela dimensão econômica e que não julgasse sucesso e fracasso de uma forma tão fechada em torno dos resultados econômicos. A humanidade nunca teve tanta tecnologia, tanta produtividade e provavelmente nunca foi tão obcecada, como é hoje, com o sucesso econômico, o que me parece uma coisa no mínimo questionável, para não dizer estranha.

Faço um paralelo entre economia e saúde. Se uma pessoa perde a saúde, é natural que ela concentre todo o esforço em recuperá-la, porque isso se torna um imperativo para tudo o mais. Mas se a pessoa goza de boa saúde, ela acredita que a saúde a liberta para viver plenamente a própria vida. A saúde quando é boa tem o efeito de libertar o ser humano para desfrutar a vida e realizar os seus sonhos como ele os concebe. A economia deveria ser como a saúde, quando a gente alcança um certo padrão como a humanidade já alcançou – de produtividade e de capacidade de gerar os bens e serviços indispensáveis para uma vida razoável –, deveríamos nos libertar para outros valores da existência. Dedicarmo-nos às relações pessoais, à cria-

ção, à relação harmoniosa com a natureza, à busca do conhecimento, mas isso não acontece. Parece que quanto mais nós avançamos na dimensão da economia, mais a economia se torna o valor central da vida. É mais ou menos como uma pessoa que quanto mais saudável fica, mais obcecada ela se torna para conquistar mais saúde. Algo que seria para libertar o ser humano, torna-se um instrumento de crescente alienação e subjugação.

IHU On-Line – E como nos livramos da métrica monetária?

Eduardo Giannetti da Fonseca – Não será por decreto e tampouco por um salto no escuro. Isso ocorrerá por uma crítica e um amadurecimento que nos permita descobrir outras formas de organizar nossa convivência e vida prática. Uma coisa me parece clara, a natureza impõe limites, o que talvez seja a grande novidade do século XXI. Esse caminho economicista e muito calcado na população e no consumo, agora encontra, além de sua limitação ética, sua limitação biológica, porque põe em risco de maneira muito ameaçadora o equilíbrio da biosfera. Creio que isso vai pressionar por alternativas, e o que estou oferecendo no livro é exatamente em que o Brasil pode contribuir nessa busca por alternativas.

IHU On-Line – A crise brasileira que vivemos atualmente é resultado da falta de imaginação política para superar esses momentos ou é resultado, justamente, de uma imaginação política que transita entre a euforia e a melancolia?

Eduardo Giannetti da Fonseca – Isso não diz respeito à crise civilizatória, mas à crise brasileira. O Brasil é um país com uma imaginação muito volátil, que oscila com muita facilidade entre estados eufóricos e estados depressivos. O que me chama atenção, olhando para a humanidade, é como se tem épocas da história do pensamento e da política em que uma espécie de maré montante toma conta da capacidade de sonho coletivo.

Foi assim com a primeira geração romântica no início do século XIX, foi assim nos chamados "loucos anos 20" no início do século XX e foi assim na década de 1960, quando os movimentos jovens esboçaram uma utopia e uma revisão radical dos valores que tinham presidido a vida das gerações anteriores. A partir dos anos 1980 o que vimos foi um grande refluxo, um retrocesso dessa onda de pensamento utópico coletivo, que foi a geração dos anos 1960 e 1970. Tenho a impressão de que são movimentos cíclicos e que em algum momento, espero que em breve, a humanidade recupere essa ousadia de sonhar formas de vida radicalmente distintas dessa forma falida que nós temos hoje.

> ***O que me parece condenável no mundo que nós estamos é uma supervalorização da dimensão econômica da vida***

IHU On-Line – A imprevisibilidade das crises econômicas não seria resultado de sua própria lógica de funcionamento que "prevê" não prever crises?

Eduardo Giannetti da Fonseca – Cada crise econômica tem a sua dinâmica e a sua natureza. O que nós vimos em 2008 e 2009 foi o estouro de uma bolha imobiliária gigantesca, especialmente nos Estados Unidos. Há um elemento muito curioso, e nisso a palavra financeirização se justifica. A partir dos anos 1980 a dimensão financeira da economia passa a crescer de maneira desligada do resto da economia real. O volume de ativos financeiros, que no fundo são papéis que representam riqueza, cresceu de maneira muito desproporcional ao crescimento da economia real, que é o que produz bens e serviços que as pessoas consomem. Esse movimento gerou várias crises financeiras a partir de então, a principal delas em 2008/2009.

A aposta na desregulamentação dos mercados financeiros foi feita na década de 1990 e gerou essa bolha, que os próprios defensores da desregulamentação financeira, como Alan Greenspan,[1] ex-presidente do *Federal Reserv* americano, se penitenciam e se dizem arrependidos de terem feito uma aposta desastrada que gerou grande sofrimento e desapontamento nas pessoas.

IHU On-Line – O fracasso das teorias econômicas, manifestado no ato de que o crescimento econômico não corresponde à totalidade da realização pessoal, deriva exatamente do quê?

Eduardo Giannetti da Fonseca – Em grande medida isso foi o estreitamento do pensamento econômico, que começa no início do século XX, quando a economia se torna uma disciplina separada das demais disciplinas das ciências humanas. Os grandes economistas dos séculos XVIII e XIX, como Adam Smith,[2] John Stuart Mill,[3]

1 **Alan Greenspan** (1926): é um economista liberal estadunidense; foi de 11 de agosto de 1987 até 31 de janeiro de 2006 presidente do Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica tradicional. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para o entendimento das relações econômicas da sociedade sob a perspectiva liberal, superando os paradigmas do mercantilismo. Sobre Adam Smith, veja a entrevista concedida pela professora Ana Maria Bianchi, da Universidade de São Paulo – USP, à **IHU On-Line** nº 133, de 21-03-2005, disponível em http://bit.ly/ihuon133, e a edição 35 dos **Cadernos IHU ideias**, de 21-07-2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível em http://bit.ly/ihuid35. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **John Stuart Mill** (1806-1873): filósofo e economista inglês. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, defensor do utilitarismo. (Nota da **IHU On-Line)**

Karl Marx[4] e Alfred Marshall[5] eram filósofos e a economia era parte de um projeto intelectual abrangente, do qual faziam parte a história, a biologia, a ética, de uma reflexão sobre o ser humano em sua complexidade.

Especialmente a partir da segunda metade do século XX, houve uma especialização e a economia se tornou quase que um ramo da matemática aplicada, uma espécie de engenharia econômica que perdeu o vínculo com o resto das ciências humanas. Esse é um problema da divisão do trabalho intelectual e de um modo de especialização do pensamento, que levou ao estreitamento do âmbito de perguntas e do rol de reflexões que a economia se permite fazer.

IHU On-Line – O que há de efetivamente novo em termos de condução da política econômica brasileira? Avançamos ou recuamos 15 anos trazendo os mesmos nomes do primeiro mandato de Lula?

Eduardo Giannetti da Fonseca – Nós estamos lidando com as consequências do desastre do experimento da nova matriz econômica conduzida no primeiro mandato da Dilma.[6] Estamos em movimento de colocar a casa minimamente em ordem, especialmente na política fiscal e nas contas públicas depois de um experimento que resultou muito pior do que as piores expectativas. Levou o Brasil a ter 12 milhões de desempregados, inflação acima de 10%, 60 milhões de pessoas inadimplentes com dívidas acima de 90 dias, milhares de empresas em situação de recuperação judicial e um investimento caindo no Brasil há 11 trimestres consecutivos.

> ***A humanidade nunca teve tanta tecnologia, tanta produtividade e provavelmente nunca foi tão obcecada com o sucesso econômico***

Seria difícil imaginar um resultado mais desastroso do que esse que derivou do primeiro mandato da Dilma Rousseff, que apostou em uma fórmula completamente equivocada, chamada "nova matriz econômica". Então, não há nada de novo. Estamos voltando a ter o mínimo de racionalidade depois de ter perdido completamente o pé na condução da economia brasileira.

IHU On-Line – Como as utopias podem nos ajudar a retomar a imaginação política em busca de uma vida melhor?

Eduardo Giannetti da Fonseca – O livro *Trópicos Utópicos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2016) não entra nas questões conjunturais e de economia política em um sentido mais corriqueiro do termo. O movimento intelectual que o livro propõe é o seguinte: a grande e bela linhagem de intérpretes do Brasil, entre os quais Sérgio Buarque de Holanda,[7] Gilberto Freyre,[8]

4 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, que tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx,* disponível em http://bit.ly/173lFhO. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em http://bit.ly/ihuon278. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon327. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital,* disponível em http://bit.ly/IHUOn449. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Alfred Marshall** (1842-1924) considerado um dos economistas mais influentes de sua época. Sua principal obra, *Principles of Political Economy*, de 1890, trouxe as teorias da fonte e da demanda, da utilidade marginal e dos custos de produção. O Instituto Humanitas Unisinos, através do evento I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promoveu a palestra *A era industrial e a contribuição de Marshall*, em 05-10-2005, na Livraria Cultura, em Porto Alegre, ministrada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Grandene de Souza, da UFRGS, e no dia 20-10-2005, na Unisinos, pela Profa. Dra. Ana Lucia Gonçalves da Silva – UNICAMP/SP. (Nota da **IHU On-Line**)

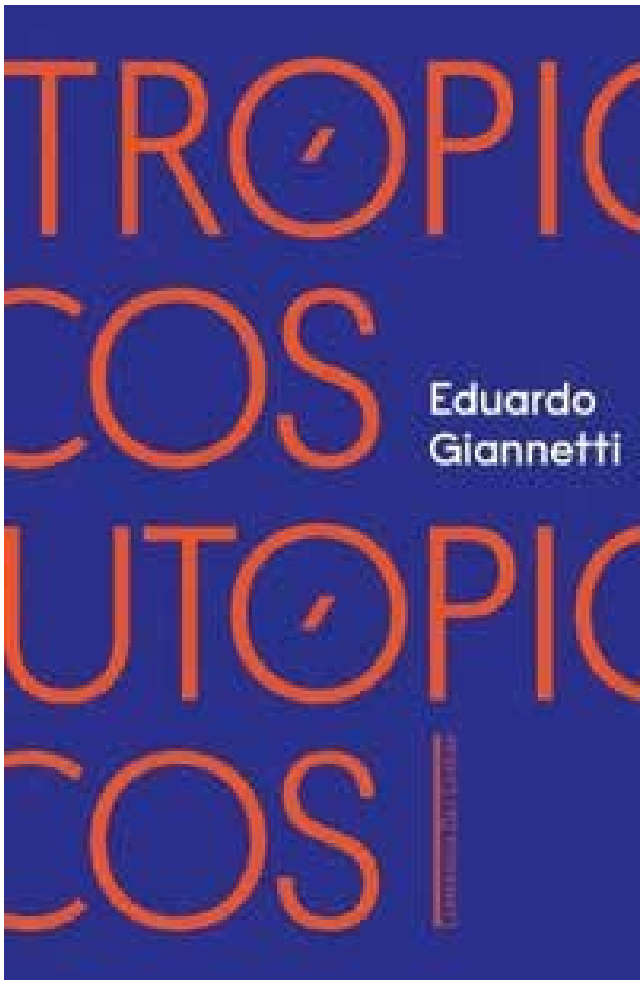
6 **Dilma Rousseff** (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores-PT, presidente do Brasil de 2011 (primeiro mandato) até 31 de agosto de 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment que fora movido contra ela. No dia 31 de agosto o Senado Federal, por votação de 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio do impeachment foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Ricci *'Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder'*, disponível em http://bit.ly/2bLPiHK. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. Em 2010, foi escolhida pelo PT para concorrer à eleição presidencial. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu Raízes do Brasil, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de "homem cordial", examinado nessa obra. A professora Dr.ª Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento *IHU ideias*, de 22-08-2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda* e no dia 08-05-2003, a professora apresentou essa mesma obra no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista a **IHU On-Line**, publicada na edição nº 58, de 05-05-2003, disponível em http://bit.ly/152MP1v. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da **IHU On-Line**, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível para download em http://bit.ly/SMypxY. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala e Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira o **Cadernos IHU** nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em http://bit.ly/cadihu06. (Nota da **IHU On-Line**)

Darcy Ribeiro,[9] Caio Prado Júnior[10] e tantos outros, sempre buscou a identidade brasileira com um olhar retrospectivo. Nossa identidade estaria em nossa história, em nossa formação, em nossas raízes e em nossos "males e bençãos de origem", para fazer eco ao livro de Manuel Bonfim.[11]

Por que não pensar a busca de uma identidade prospectiva? Ou seja, qual é o sonho que nos une? Existe uma utopia capaz de mobilizar a alma e a energia dos brasileiros? O livro propõe essa pergunta e responde afirmativamente. A nossa utopia consiste na construção de uma forma de vida menos submetida ao império dos valores econômicos e mensuráveis. Digo que é uma compreensão mais lúdica e amigável da vida, não submetendo tudo à métrica da renda e da produtividade. Os nossos valores decorrem da presença, na cultura e na vida brasileira, de fortes elementos das culturas não ocidentais pré-modernas de extração ameríndia e africana que nos dão a condição de uma originalidade no mundo moderno. ■



Trópicos Utópicos (São Paulo: Companhia das Letras, 2016.)

9 **Darcy Ribeiro** (1922-1977): etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta, romancista e político mineiro. Completou o curso superior na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, no ano de 1946. Trabalhou como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio, e, em 1953, fundou o Museu do Índio. Foi professor de etnologia e linguística tupi na Faculdade Nacional de Filosofia e dirigiu setores de pesquisas sociais do Centro de Pesquisas Educacionais e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, além de ocupar, no biênio 1959/1961, o cargo de presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi eleito em 8 de outubro de 1992 para a Cadeira n. 11 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da **IHU On-Line**).

10 **Caio Prado Júnior** (1907-1990): pensador e político brasileiro. Em 1942 publica sua obra mais importante, *A formação do Brasil contemporâneo*, sofrendo perseguições devido ao seu alinhamento político com a orientação comunista, tendo seu mandato cassado dois anos depois da publicação do livro. Sua obra criou, porém, uma tradição historiográfica no Brasil, identificada sobretudo com o marxismo, buscando uma explicação diferenciada da sociedade colonial. A obra foi apresentada no I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU em 14-08-2003, e é tema de entrevista com a professora Marcia Eckert Miranda, publicada na **IHU On-Line** nº 70, de 11-08-2003, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161285 http://bit.ly/1irilO8. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Manoel Bomfim** (1868-1932): foi um médico, psicólogo, pedagogista, sociólogo, historiador e intelectual brasileiro. Seu livro mais conhecido é *América Latina: males de origem* (Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008). (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *"Alternamos embriaguez eufórica com depressão que arrasa"*. Entrevista com Eduardo Giannetti da Fonseca, publicada por Zero Hora, em 20-8-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 23-8-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2c5Ik2H.
- *"O Brasil ideal não é um país do hemisfério norte. Temos que valorizar nosso dom de celebrar a vida"*. Entrevista com Eduardo Giannetti da Fonseca, publicada por El País, 25-7-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 26-8-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2csIL6g.